



GT 014. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) -
 Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS) -
 Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira
 (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -
 Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) -
 Debatedor/a, Lara Beleli (Núcleo de estudos de
 Gênero - Pagu/UNICAMP) - Debatedor/a

A antropologia das emoções vem se consolidando como área autônoma no Brasil há cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de temáticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as temáticas ligadas a áreas da vida associadas à dimensão privada e as temáticas vinculadas ao mundo público. Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, à sexualidade ou a saúde/doença; para as segundas, listamos os movimentos sociais, a violência ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avançar na superação dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco já canônico de temáticas passíveis de abordagem pela antropologia das emoções, novos problemas concebidos sob a égide da reflexão sobre essa dicotomia. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções e instituições/práticas estatais; b) emoções e políticas públicas; c) emoções, moral e formas do cuidado; d) emoções, violência e vitimização; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emoções; h) emoções, gênero e sexualidade; i) emoções e experiências de saúde/doença.

Vergonha, desonra e resistência: as polacas e suas sociedades de ajuda mútua no Rio de Janeiro no início do século XX

Autoria: Anelise Fróes da Silva

Este work é parte de minha tese de doutorado, a qual vem sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com financiamento da CAPES, dentro do campo da Antropologia da Memória e das Sociabilidades. Versa sobre jovens judias traficadas do Centro-Leste da Europa para as Américas para fins de exploração sexual em cidades centrais como Nova Iorque, Rio de Janeiro e Buenos Aires, entre fins do século XIX e a segunda década do século XX, as quais ficaram conhecidas pela alcunha generalista de polacas. Mais do que investigar os silenciamentos e apagamentos daquelas mulheres na história e nos estudos antropológicos, tenho buscado conhecer suas formas de organização social, manutenção de espaços religiosos, múltiplas sociabilidades com outros grupos à margem (negros, operários, sambistas), e sobretudo suas estratégias de resistência e afirmação coletivas. A partir de organizações de ajuda mútua constituídas por judias prostituídas, discuto aqui questões como honra, desonra, impureza, exclusão, as diversas camadas de vergonha impostas sobre elas, e como foi possível que tenham se mantido unidas em torno dos ideais de cuidado de si e das outras, preservação cultural e religiosa, e garantias de sepultamentos dignos em suas mortes. Sigo as proposições de Pitt-Rivers (1979) sobre a honra coletiva de grupos sociais, a qual depende da honra de cada um dos membros do grupo, bem como de Peristiany (1971) sobre honra e vergonha, e a importância do pudor sexual para as mulheres. Da mesma forma, me utilizo das reflexões de Douglas (1976) sobre a crença em contágios perigosos como definidora de certas regras sociais, essenciais para a manutenção de valores morais, hierarquias e simetrias das sociedades. Desenho oposições entre as mulheres de valor da comunidade judaica, tais como descritas por Zweig (2004), e as polacas, uma vez que essas, apesar de sua condição de párias, desonradas, impuras e motivo de vergonha para o círculo judaico da época (e ainda hoje), foram capazes de permanecer fieis aos seus princípios religiosos, à coletividade e à preceitos judaicos como a



caridade entre os seus e para com os demais.



Realização:



Apoio:



Organização:

